

O CANTO ESPONTÂNEO COMO INDICADOR DO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DA CRIANÇA DE TRÊS A SEIS ANOS

Maria Betânia Parizzi Fonseca
betaniaparizzi@metalink.com.br
Escola de Música da Universidade do Estadual de Minas Gerais

Resumo

O foco deste estudo é a música vocal espontânea - ou canto espontâneo da criança de três a seis anos de idade. A partir da observação de crianças nesta faixa etária, associada à audição crítica de sua produção musical espontânea, levantamos a seguinte hipótese: o canto espontâneo das crianças guarda uma relação significativa com seu desenvolvimento cognitivo. Adotamos como referência as teorias do desenvolvimento musical de Howard Gardner (1973), Keith Swanwick (1988) e David Hargreaves (1996) e a teoria do desenvolvimento de Piaget (1952). O estudo se caracteriza como de delineamento exploratório, utilizando a técnica de análise de produto para analisar quinze produções vocais, selecionadas por tipicidade. Um painel independente, composto por seis educadores musicais brasileiros e estrangeiros, analisou as músicas e estimou as idades das crianças. Os dados iniciais sugerem que existem padrões musicais perceptíveis no canto espontâneo da criança. Nosso próximo passo é encontrar justificativas psicológicas que expliquem os padrões musicais encontrados.

Palavras-chave: canto espontâneo, educação musical, desenvolvimento cognitivo

Abstract

Observing critically children from three to six years old and also their spontaneous singing, we came up to this hypothesis: there is a significant relationship between children's spontaneous singing and their cognitive development. For our theoretical framework, we chose the theories of Howard Gardner (1973), Keith Swanwick (1988) and David Hargreaves (1996) on music development and also Piaget's developmental theory. Product analysis is the method we are using to carry out our investigation. We selected fifteen children's spontaneous singings which were musically analysed by six independent judges (from Brazil, England and Argentina), who also estimated the probable age of each child. Our initial findings suggest that there are perceptible musical patterns in children's spon-

taneous singing. Next, we will try to justify these patterns through Piaget's developmental theory.

Fundamentação teórica e objetivos

A canto espontâneo é uma das mais importantes formas de expressão da criança, tanto quanto o desenho e os modos infantis - gestualidade e comportamentos - (Gardner, 1994). Mas, ao contrário do que acontece com o desenho e com os modos infantis, a manifestação musical não assumiu ainda um papel de igual relevância na comunidade científico-acadêmica.

... enquanto os jogos sócio-dramáticos infantis e outras formas de brincar das crianças já têm sido objeto de extensas pesquisas, o jogo musical, entretanto, continua sendo negligenciado neste sentido. O estudo da música da criança como um gênero próprio distinto do mundo adulto ainda é raro. (Gluschankov, 2002, p. 37)

Um aspecto fundamental que caracteriza o canto espontâneo de crianças pequenas é que ele é profundamente diferente da música produzida por crianças mais velhas e da produção musical dos adultos (Fonseca, 1986, p. 24). Essas diferenças e o *estranhamento que causam* justificam porque muitos não o consideram como *música*. Gluschankov (2002, p. 38) diz os adultos tendem a ouvir a música da criança pequena com os mesmos padrões perceptivos e arbitrários com os quais nos relacionamos à música produzida por adultos (Moorhead & Pond, *apud* Gluschankov, 2002, p. 38).

Etnomusicólogos como Blacking (1987), Campbell (1998) e Nettl (1983) consideram de suma importância que a música produzida por crianças pequenas seja considerada um gênero musical distinto. Glover (*apud* Gluschankov, 2002, p. 38) também afirma que a esta música tem suas características próprias e não deve ser considerada uma imitação incompetente e frágil do mundo adulto.

Temos já observado que o canto espontâneo da criança, da mesma forma que seu desenho (Lowenfeld, 1977), tende a seguir uma evolução previsível. O bebê explora o meio ambiente, seu corpo, sua voz. Ele cria garatujas com a voz pelo simples prazer de ter o domínio da habilidade de emitir sons. Segundo Moog (Moog *apud* Swanwick, 1988, p.59), o “balbucio musical”, típico desta fase, está relacionado ao fascínio da criança pelo som e ao prazer de começar a controlá-lo. A partir de um ano de idade, as crianças começam a

serem capazes de reproduzir o que escutam e por volta dos 18 meses, começam a associar movimentos corporais à pulsação das músicas. Isto é o primeiro presságio de resposta ao caráter expressivo da música. Por volta dos três ou quatro anos, surge uma nova forma de cantar, a qual Moog denomina "canções imaginativas" (Moog apud Swanwick, 1988, p. 59) através das quais as crianças contam histórias ou criam suas próprias versões de canções já conhecidas.

A música produzida espontaneamente pela criança provavelmente reflete a forma como a criança se relaciona com o mundo, como ela é capaz de pensar sobre o mundo. De acordo com Piaget (Piaget *apud* Hargreaves, 1986, p. 32), os mecanismos de pensamentos seriam derivados das ações sobre os objetos no mundo exterior e o pensamento seria uma forma internalizada de ação. As crianças são pois agentes ativos na construção de seu mundo cognitivo (Santrock, 2008.) Portanto, é evidente que a psicologia cognitiva dispõe de um potencial considerável para o estudo do fenômeno musical. Ela investiga justamente “como as pessoas constroem modelos mentais de seu mundo imediato, inclusive o mundo musical” (Hargreaves, 1986, p. 17). O comportamento musical da criança é que nos desvendará o seu nível de compreensão e envolvimento com o fenômeno musical. Assim, segundo França (1998, p. 85), “as principais modalidades do comportamento musical se constituem em ‘janelas’ através das quais os construtos mentais se manifestam e, portanto, podem ser investigados”. Barrett (1996, p. 37) reforça a afirmação anterior afirmando que o estudo do discurso musical utilizado por crianças em suas composições será capaz de revelar seu pensamento musical e suas decisões estéticas.

A psicologia do desenvolvimento musical, ciência que representa a confluência da psicologia do desenvolvimento e da psicologia da música, procura pois investigar “como a música é internamente representada, como o conhecimento musical é organizado e armazenado e como as pessoas se comportam musicalmente como consequência desta representação” (Sloboda, 1985, p. 5). A existência da representação mental é inferida, uma vez que elas não podem ser fisicamente observadas. Ela se manifesta na forma como as pessoas ouvem, tocam, criam e reagem à música. (Sloboda 1985, p. 3).

O desenvolvimento musical da criança tem sido alvo de intensos estudos, fundamentados principalmente na teoria piagetiana do desenvolvimento cognitivo (Hargreaves, 1986, p. 31). Howard Gardner (1973), Keith Swanwick (1988) e David Hargreaves (1996) elaboraram teorias sobre o desenvolvimento musical desde a primeira infância as quais se constituíram em importantes referências para quaisquer estudos sobre o assunto. O que

pretendemos fazer é justamente traçar uma ponte entre essas teorias e o desenvolvimento cognitivo da criança.

A partir da fundamentação teórica advinda da psicologia cognitiva e da psicologia do desenvolvimento musical e da à audição crítica dos cantos espontâneos da criança de três a seis anos, pudemos delinear a seguinte hipótese: o canto espontâneo das crianças guarda uma relação significativa com seu desenvolvimento cognitivo. Nossa intenção é chegar a padrões musicais que possam ser explicados e justificados pela psicologia do desenvolvimento cognitivo. Se isso for possível, poderemos dizer que existe um indício de que a música produzida pela criança pode ser considerada um indicador da sua representação mental e, portanto, atribuir a essa música a mesma relevância atribuída ao desenho infantil.

Metodologia

1- Delineamento e amostragem

O estudo se caracteriza como de delineamento exploratório (Gil, 2002, p. 41). Utilizamos a técnica de análise de produto, sendo considerados dados os cantos espontâneos produzidos por crianças entre três e seis anos de idade. A amostra selecionada consiste de alunos do Núcleo Villa-Lobos de Educação Musical de Belo Horizonte¹. Esta amostra foi determinada por tipicidade e oportunidade, o que se justifica pela natureza do estudo. Optamos por trabalhar com essa faixa etária porque nesta idade a criança já é capaz de estabelecer rapidamente um vínculo afetivo com o professor de música, condição imprescindível para que o trabalho possa ser desenvolvido. Além disso, essas crianças já freqüentam as aulas de música sem a presença dos pais, o que as deixa mais livres para que possam criar com um mínimo de interferência possível. Selecionamos, então, quinze cantos espontâneos (dentre os quase trezentos de nosso acervo), distribuídos de forma homogênea ao longo da faixa etária por nós delimitada, de acordo com os seguintes critérios: músicas vocais, com ou sem letra, bem diversificadas e representativas de cada idade; criadas espontaneamente durante as aulas de música sem nenhum estímulo explícito do professor e sem vínculo direto com o repertório musical conhecido pelas crianças.

¹ O Núcleo Villa-Lobos é uma escola de música bastante conceituada em Belo Horizonte, fundada em 1971 e pioneira em Minas Gerais no trabalho com crianças entre dois e seis anos de idade.

2- Análise

Convidamos seis jurados independentes para fazer uma análise musical das quinze músicas. Esse júri, composto por educadores musicais brasileiros e estrangeiros de reconhecida competência, dispôs de cerca de três meses para realizar este trabalho. Foi solicitado também aos jurados que estimassem a idade de cada uma das crianças através da audição de suas músicas. Até o momento já recebemos os dados de quatro dos jurados, os quais estão sendo por nós estudados.

3- Estudo qualitativo das análises

Fundamentados em Gardner (1973), Swanwick (1988) e Hargreaves (1996), estamos realizando um estudo qualitativo das sessenta análises das quais já dispomos, com o objetivo de encontrar os eventuais padrões musicais presentes nos cantos espontâneos. Agruparemos então estes padrões de acordo com cada uma das idades das crianças (três, quatro, cinco e seis anos). A partir daí, traçaremos uma ponte entre o desenvolvimento musical e o desenvolvimento cognitivo da criança.

Resultados parciais e conclusões

Contamos até momento com as análises de quatro dos seis jurados. Após um estudo inicial desses dados, chegamos a duas questões importantes: a primeira relacionada a alguns padrões musicais que parecem já estar emergindo nesta fase de nossa investigação e a segunda associada ao fato de que a estimativa das idades das crianças através da audição de seu canto espontâneo talvez seja, para o adulto, algo complexo.

Com relação aos padrões musicais encontrados, verificamos que aspectos relacionados ao *tempo* foram mencionados de forma unânime pelos jurados. As músicas criadas pelas crianças nem sempre apresentavam, segundo nosso júri, uma regularidade rítmica durante seu desenvolvimento, principalmente as das crianças de três e quatro anos. Algumas crianças utilizaram em seus cantos espontâneos impulsos sonoros organizados irregularmente no tempo. O fluxo melódico muitas vezes era entrecortado por falas, risos, e alguns procedimentos musicais, como *accelerandos* e outras alterações de andamento. Outras vezes este fluxo era interrompido por breves momentos de silêncios de duração imprevisível. O tempo com tendências à regularidade, típico da música ocidental do período barroco até o

romantismo, estruturado em compassos claramente perceptíveis foi mencionado em apenas um dos quinze cantos espontâneos analisados.

Nossos resultados relacionados à estimativa das idades das crianças feita pelos jurados nos levou à seguinte indagação: até que ponto o adulto dispõe de recursos perceptivos adequados para conseguir estimar a idade da criança através de seu canto espontâneo? Talvez a criança realmente manifeste seu estágio cognitivo quando cria sua música espontânea. O adulto é que talvez não disponha de *ferramentas perceptivas* para decifrá-la. Se crianças mais velhas ouvirem as músicas criadas por crianças menores, teriam elas maior possibilidade de chegarem mais próximo às idades reais das crianças? Talvez este relato de Gardner (1994, p. 207 - 208) consiga estabelecer alguns indícios para nossa investigação. Ele descreve uma experiência realizada com crianças, adolescentes e alunos da Universidade de Harvard. Esse público ouvia vários pares de trechos musicais e tinha que avaliar se os dois trechos eram de uma mesma obra musical. O resultado foi que as crianças conseguiram um nível de acerto igual e algumas vezes superior aos alunos de Harvard. De acordo com Gardner, os sujeitos que apenas ouviam as obras “emergindo em seus efeitos sinestésicos e afetivos, fazendo associações livres com experiências prévias e baseando seu julgamento no fato das duas partes serem ‘sentidas’ como as mesmas ou ‘parecerem’ iguais tinham uma chance maior de acerto. Aqueles que mediavam a audição com seus conhecimentos formais de música, tentando enquadrar as obras ouvidas numa categoria prévia, como um estilo por exemplo, assumiam um relacionamento mais “distanciado” da obra e, muitas vezes, não conseguiam realmente o mesmo resultado obtido pelas crianças. Talvez este exemplo nos ajude a compreender a razão das discrepâncias das opiniões do júri em relação às idades reais das crianças, que pode ou não ser confirmada pelas análises dos demais jurados.

São muitas as nossas indagações e temos certeza de que muitas outras ainda emergirão. Acreditamos que a sistematização teórica que estamos elaborando e sua conseqüente aplicação na análise do material que coletamos poderá servir como importante fundamentação para nosso próprio trabalho e o de outros educadores musicais. Esperamos que o estudo possa contribuir para que o ensino de música para essa faixa etária possa valorizar e estimular a produção musical infantil através de técnicas pedagógicas que respeitem cada etapa do desenvolvimento cognitivo da criança.

Referências bibliográficas

- BARRETT, Margaret. Children's aesthetic decision-making: an analysis of children's musical discourse as composers. *International Journal of Music Education*, London, v. 28, p. 37 – 62, 1996.
- BLACKING, John. Music in children's cognitive and affective development. In: Wilson F.R.; Rohemann F.L. (Ed) *Music and Child Development*. St. Louis, Missouri: The Biology of Music Making Inc., 1987.
- FONSECA, M. Betânia Parizzi. A produção musical da criança na primeira infância. Monografia (Especialização em Educação Musical) - Escola de Música da Universidade de Minas Gerais, 1986.
- FRANÇA, Maria Cecília Cavalieri. Composing, performing and audience-listening as symmetrical indicators of musical understanding. Tese (Doutoramento em Educação Musical) – Institute of Education – University of London, 1998.
- GARDNER, Howard. *The arts and human development*. New York: BasicBooks, 1994.
- GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Editora Atlas, 2002.
- GLUSCHANKOV, Claudia. The local musical style of kindergarten children: a description and analysis of its natural variables. *Music Education Research*, Tel-Aviv, v. 4, n. 1, 2002.
- HARGREAVES, David. The development of artistic and musical competence. In: Deliége I.; Sloboda J. (Ed.) *Musical beginnings*. New York: Oxford University Press, 1996.
- HARGREAVES, David. *The developmental psychology of music*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- LOWENFELD, Viktor; Brittain, W. Lambert. *Desenvolvimento da capacidade criadora*. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1977.
- MOOG, Hans. *The musical experience of the pre-school child*. London: Schott, 1976.
- NETTL, Bruno. *The study of ethnomusicology*. Urbana: University of Illinois Press, 1983.
- PIAGET, Jean. *The origin of intelligence in children*. New York: University Press, 1952.
- SLOBODA, John. *The musical mind: The cognitive psychology of music*. Oxford: Clarendon Press, 1985.
- SANTROCK, John. *Child development*. New York: McGraw-Hill, 2004.
- SWANWICK, Keith. *Music, mind and education*. London: Routledge, 1988.
- WADSWORTH, Barry J. *Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget*. São Paulo: Pioneira, 1993.